

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

ARTIGO

ARQUEOLOGIA COM PIPOCA: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E RAÇA NO CINEMA

Débora Cristiane Blois Nascimento*

RESUMO

Este artigo analisa, a partir de um viés antropológico e arqueológico, a imagem da arqueologia, suas construções e representações nas produções cinematográficas. É importante perceber que o cinema é uma arte absurdamente discursiva; dessa forma, os discursos se constituem, sobretudo, nas inferências. A percepção artística depende do background cultural de cada expectador. Em meu recorte deste campo de investigação, pautei-me na composição das imagens apontadas nos filmes da plataforma digital Netflix, que recebeu esse enfoque por ser o streaming de maior acesso da atualidade. Para isso, classifiquei os títulos de modo quantitativo por ordem de produção; em seguida, a partir da análise fílmica, observei a alegoria por repetição, para enfim recusar a posição judicativa de uma arqueologia branca e homogênea. Dessa forma, tenciono fomentar discussões acerca das narrativas que não falam somente de arqueologia, mas das relações de gênero, raça, diversidade, entre outros. Objetivo mostrar que, na sétima arte, os enredos, as imagens, os discursos e os silêncios contribuem para o racismo estrutural e a invisibilidade de gênero no constructo da arqueologia enquanto disciplina acadêmica, naturalizando lugares de poder e fazendo parte da nossa visão de mundo para além das telas de cinema.

Palavras-chave: arqueologia; imagem; cinema; gênero; racismo.

* Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: deborablois.arqueologa@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5985-9317>.

ARCHAEOLOGY WITH POPCORN: GENDER AND RACE CONSTRUCTION IN CINEMA

ABSTRACT

This article analyzes, from an anthropological and archaeological point of view, the image of archeology, its constructions and representations in cinematographic productions. It is important to realize that cinema is an absurdly discursive art; in this way, discourses are constituted, above all, in inferences. The artistic perception depends on the cultural background of each spectator. In my clipping of this field of investigation, I was guided by the composition of the images pointed out in the movies on the Netflix digital platform, which received this focus due to being the streaming with the greatest access today. To this end, I classified the titles quantitatively by order of production; then, from the filmic analysis, I observed the allegory by repetition to finally refuse the judgmental position of a white and homogeneous archeology. In this way, I intend to encourage discussions about narratives that do not speak only of archeology, but of gender relations, race, diversity, among others. I aim to show that, in the seventh art, the plots, images, speeches, and silences contribute to structural racism and the invisibility of gender in the construct of archeology as an academic discipline, naturalizing places of power and being part of our vision of the world beyond the cinema screens.

Keywords: archeology; image; movies; gender; racism.

ARQUEOLOGÍA CON PALOMITAS: CONSTRUCCIONES DE GÉNERO Y RAZA EN EL CINE

RESUMEN

Este artículo analiza la imagen de la arqueología, sus construcciones y representaciones en las producciones cinematográficas desde una perspectiva antropológica y arqueológica. Es importante destacar que el cine es una forma de arte discursiva, por lo que los discursos están constituidos sobre todo por inferencias. La percepción artística depende del bagaje cultural de cada espectador. En este campo de investigación, me centré en la composición de las imágenes mostradas en las películas de la plataforma digital Netflix, que recibió este enfoque por ser el servicio de visualización más accesible en la actualidad. Para ello, clasifiqué cuantitativamente los títulos por orden de producción; luego, a partir del análisis de las películas, observé la alegoría por repetición, para rechazar la postura sentenciosa de una arqueología blanca y homogénea. De este modo, pretendo fomentar discusiones sobre narrativas que no solo hablen de arqueología, sino también de relaciones de género, raza, diversidad, entre otras. Pretendo mostrar que, en el séptimo arte, los tramas, imágenes, discursos y silencios contribuyen al racismo estructural y a la invisibilidad del género en la construcción de la arqueología como disciplina académica, naturalizando lugares de poder y formando parte de nuestra cosmovisión más allá de la pantalla de cine.

Palabras clave: arqueología; imagen; cine; género; racismo.

INTRODUÇÃO

*Contra o poder colonial. Assim também Portugal
Zarpa do ancoradouro do colonialismo.
Dom Sebastião volta do Saara com uma outra cara,
Bronzeada, africana e hermafrodita;
Intensificada é a sua dúbia sexualidade.*

Mário Dirienzo, “Desenquadrando a tela”, agosto de 2020
(trecho retirado do livro eletrônico *16ª Mostra do Cinema Negro, Prudente e Silva*)

Ao desenquadrarmos a tela, nos deparamos com o dúbio olhar, o olhar desfocado e limítrofe dos míopes. Mas esse desenquadrar também serve de ponto de fuga para refletirmos sobre as imagens que estamos habituados a ver, porém, por vezes, não enxergar.

As imagens presentes nos filmes cuja temática é a arqueológica advêm de referenciais que se originam dos relatos dos colonizadores e das primeiras escavações, feitas por não arqueólogos¹ e/ou amadores/exploradores. Este artigo traz a discussão à imagem da arqueologia, dos profissionais dessa ciência e do fazer arqueológico presente nas produções cinematográficas, cujos discursos revelam elementos que remontam, entre outros aspectos, ao pensamento da antropologia no século XIX. Para esta análise, utilizei os títulos presentes na plataforma Netflix; meu enfoque nesse canal de streaming deve-se ao extenso público, tanto popular quanto elitizado, que ele alcança. Ao me aprofundar no conteúdo dos títulos selecionados, percebi um lugar subalternizado destinado às mulheres e às pessoas negras, algo que distorce o fazer arqueológico do contemporâneo.

A ciência arqueológica por vezes é usada apenas como pano de fundo para arraigar papéis construídos historicamente para as mulheres e negros(as)(es). Busquei, por meio desta análise cinematográfica, apontar narrativas que não falem somente da ciência arqueológica e seu retrato para o cinema, mas também das relações de gênero, trabalho, raça, diversidade, identidade, cultura, colonialismo, etnocentrismo, entre outros. Visando contribuir para o debate cada vez mais presente sobre a imagem da arqueologia para não arqueólogos no Brasil e seu papel social na contemporaneidade, posiciono-me aqui como uma mulher negra que ousa sonhar com um lugar menos desigual dentro da comunidade científica, cujas portas são restritas para pessoas como eu.

Nada no enquadramento das “telonas” é por acaso, desde a escolha das personagens e trilha sonora até o figurino e o cenário; tudo é pensado milimetricamente para compor ambientes que farão parte da narrativa. Desse modo, a história povoará as mentes dos espectadores por um longo período, reforçando os ideais e crenças incrustados em seus idealizadores.

Ainda que boa parte da população mundial tenha pouco ou quase nenhum acesso à internet, o *dever* das formas de comunicar e do constructo do conhecimento avança a largos passos. A realidade desse contínuo processo emerge das novas formas e plataformas de comunicação e do modo como consumimos conteúdo. Hoje, por meio das redes sociais, somos “bombardeados” constantemente por notícias e informações desde o momento que acordamos até irmos dormir. É tanta informação que à noite já não nos lembramos das notícias que vimos pela manhã, algo que os cientistas estão chamando de *cibernose*, termo criado pelo psicossociólogo francês Van Bockstaele “para designar nós de estrangulamento nas comunicações” (Weil, 2000).

As narrativas dos primeiros filmes, assistidos por meio de cinematógrafos, eram minimalistas e ficaram conhecidas pela gesticulação exagerada dos atores e o uso de filarmônicas ao vivo. Conforme sabemos, essas seriam apenas as primeiras conquistas de uma indústria que se tornaria extremamente

¹ Usei a letra “e” para designar gênero neutro neste trabalho, pontuando, assim, a ausência de invisibilidade.

atrativa e rentável: a indústria cinematográfica. Em 1911, foi construído na Califórnia, nos Estados Unidos, um espaço dedicado exclusivamente à produção de filmes (TV Brasil, 2020). Em poucas décadas, Hollywood — como ficou conhecido esse espaço — tornou-se o maior representante dos estúdios de filmografia dedicados à sétima arte.²

O ser humano sempre busca a expansão de seus espaços comunicativos. Por isso, o cinema coletivo como o conhecemos abriu outros meios de se relacionar com o público. Seguindo a linha de inventos para a transmissão de imagens e som, dessa vez para uso individual e pessoal, mais privativo, logo surgiram os aparelhos de vídeo cassete, e posteriormente o aparelho de DVD, que levaram o entretenimento para os lares de todo o mundo. Atualmente, temos as plataformas de streaming de armazenamento em rede, tecnologia que permite que as pessoas selecionem o título que mais apreciam, no melhor cômodo das suas casas, bem como o horário mais apropriado para a atividade de assistir filmes, sejam antigos ou em lançamento; para isso, basta ter acesso à internet e uma assinatura mensal do streaming escolhido. Nos catálogos desses serviços podem ser encontradas também séries e documentários de todo o mundo, evidenciando que o streaming é, sem dúvida, uma nova forma de comunicação com o público e de ampla divulgação da filmografia mundial.

Neste artigo, me propus analisar as imagens existentes em filmes sobre o fazer arqueológico presentes na plataforma de streaming Netflix, visando pontuar algumas questões em torno das invisibilidades, preconceitos e estereótipos presentes nessas narrativas, com o intuito de fomentar as discussões sobre a representação e a representatividade feminina e negra na arqueologia. Dessa forma, busquei evidenciar que as narrativas disponíveis no cinema apresentam uma arqueologia sexista, racista, colonialista e de supremacia branca. Contudo, ratifico que o conhecimento não está atrelado apenas a um grupo privilegiado de pessoas, e pode sim ser feito por todes.

De acordo com o arqueólogo Paulo Eduardo Zanettini (1991), a construção estereotipada da arqueologia tem início na franquia de filmes, criada pelo diretor Steven Spielberg, sobre Indiana Jones, personagem icônico interpretado pelo ator Harrison Ford. Zanettini escreveu um artigo para o *Jornal da Tarde*, em 1991, sob o título “Indiana Jones deve morrer”; neste, o autor argumenta que a personagem contribui para o desconhecimento da importância da arqueologia para a humanidade e divulga de forma equivocada o trabalho realizado pelos profissionais da arqueologia, levando o público à desinformação sobre o fazer arqueológico e a tirar conclusões precipitadas sobre essa ciência que estão bem distantes da realidade desses profissionais (Zanettini, 1991). O perfil aventureiro, heteronormativo e de caçador de relíquias/tesouros de Indiana Jones cria uma expectativa equivocada sobre o cotidiano dos(as)(es) arqueólogos, imagem legada por Ford, que bem recentemente voltou a encarnar o Dr. Jones em *Indiana Jones e a relíquia do destino* (2023), de James Mangold.

Há décadas, os profissionais da arqueologia exercem tarefas multifacetadas com outros profissionais, em reservas técnicas, espaços expositivos de museus, laboratórios, universidades... Sem dúvida, a imagem ligada à área é a de viagens, mistérios, maldições e aventura, porém, o cotidiano do fazer arqueológico se distancia desses estereótipos. Em parceria com museólogos, biólogos, antropólogos, linguistas, entre outros, os(as)(es) arqueólogos buscam compreender as transformações sociais ao longo do tempo, por meio da cultura material. Esse conhecimento, construído interdisciplinarmente, deveria ser melhor comunicado, pois assim não seriam apenas as imagens dos “arqueólogos” dos filmes que prevaleceriam na imaginação popular.

Diminuir a distância entre esses profissionais e o público requer levar em consideração o que dizem Carvalho e Silva (2013): “se o arqueólogo ou arqueóloga querem participar da construção de sua imagem devem descer da sua ‘torre de marfim’ pois o silêncio não é protesto, é cumplicidade”.

² Categoria proposta por Ricciotto Canudo no *Manifesto das sete artes*, publicado na França em 1911 (Xavier, 2005).

Em acordo com os autores, acredito que comunicar os resultados das pesquisas arqueológicas requer romper a bolha que cerca a ciência como um todo.

Em suma, objetivo diluir essa imagem romantizada da arqueologia, além de trazer à tona os mais diversos agentes do constructo dessa ciência que contribuem para a criação de uma arqueologia mais plural. Cabe então, nesta investigação, refletir sobre o impacto que as produções cinematográficas voltadas à arqueologia exercem constantemente no nosso cotidiano, levando assim, num diálogo com o outro, ao autoconhecimento, à raiz das identidades coletivas e à quebra de estereótipos criados pelo cinema.

A IMAGEM DA ARQUEOLOGIA

O cinema faz uma leitura do mundo, uma interpretação do cotidiano; no entanto, não trabalha com o fidedigno. Sua visão de mundo, por vezes estereotipada, organiza e imperializa lugares, além de ratificar de forma nociva questões como o “papel” das mulheres na sociedade, o racismo estrutural, a invisibilidade da comunidade LGBTQIAP+ e o exotismo dos povos originais, preconceitos arraigados que devem ser discutidos. “O senso comum se apropria de pedaços da ciência, religião e crenças pessoais, constituindo um agregado totalmente incoerente (mas psicologicamente satisfatório) de conceitos e preconceitos” (Araujo 2019, p. 124). Como essas imagens nos afetam? Como nos marcam? Por que permanecem conosco tanto tempo depois de as termos visto?

Analisando as imagens atreladas à arqueologia e ao fazer arqueológico presentes nas produções cinematográficas, me deparei com narrativas cujos elementos remontam ao pensamento da antropologia do século XIX: invasões, saques, violência, sexismo e dominação, praticados pelos viajantes em solo estrangeiro, que lançaram um olhar preconceituoso, discriminatório e pejorativo sobre o “outro”. Esta imagem se mantém latente nas telas do cinema, e vem prevalecendo e impondo um exotismo às culturas presentes na América Latina e no Oriente. Os europeus expuseram em seus museus pessoas negras, coletivos humanos e artefatos indígenas da América do Sul e de outros continentes, sempre atrelados ao exótico, porém nunca viram a própria cultura como exótica aos olhos estrangeiros. Esse olhar vem perpetuando um racismo estrutural cada vez mais profundo e silencioso dentro dessas comunidades e até mesmo dentro da própria Ciência, tanto a arqueológica quanto a antropológica, vistas como ciências brancas. Ao partirmos dessa perspectiva ocidente/oriente/latino-americano, constatamos um olhar etnocêntrico nos filmes voltados à ciência arqueológica, que é apresentada de forma “achatada”, enviesada e estreita.

A influência que essas imagens exercem sobre o senso comum corrobora com o estereótipo de um arqueólogo aventureiro, caçador de tesouros, branco, cisgênero e de meia idade, fazendo da ciência arqueológica algo muito distante das discussões atuais. O “embranquecimento” da arqueologia, dentro e fora das telas, distorce eventos, vestígios e protagonismos e invisibiliza agentes que contribuem para essa área científica, apagando ou simplesmente “esquecendo” de registrar seus nomes. Os corpos não-brancos viram mais uma quadrícula na escavação, são apenas mais um rosto sob a sombra de um monumento (Shepherd, 2009), uma representação análoga, na qual a representatividade jamais está presente. Não estamos imunes a agência dessas imagens: muitos de nós se tornaram arqueólogos por sofrer essa influência (Moser, 2009) — é comum ouvir dos(as)(es) colegas que o Egito ou o Indiana Jones os levaram a essa escolha profissional. Gell (2018, p. 45) nos diz que “o poder dos objetos de arte — neste caso da sétima arte — provém dos processos técnicos que eles personificam [...] o encanto da tecnologia é o poder que os processos técnicos têm de lançar uma fascinação sobre nós, de modo, que vemos o mundo real de forma encantada”. Assim, a romantização da arqueologia acaba por delinear e idealizar sua imagem.

De acordo com Caromano *et al.* (2017), apesar da contribuição de inúmeras mulheres para a arqueologia brasileira, a maioria dos textos citados em artigos e projetos científicos é apenas de Anna Roosevelt e Betty Meggers. No entanto, os autores mostram que desde a década de 1980 há uma preocupação em discutir questões de identidade, não só dos vestígios estudados como de arqueólogos

que fazem a ciência arqueológica. Ribeiro *et al.* (2017) afirmam que o próprio discurso científico arqueológico sobre o passado normatiza, hierarquiza e provoca assimetrias de gênero. Hartemann (2019) traz essa urgência de mudança de interpretação binária de estatuetas e outros objetos antropomorfos; segundo o autor, diversos pesquisadores admitem dificuldade em atribuir gênero a essas interpretações. Essa reflexão evidencia o desafio contemporâneo das construções narrativas desses artefatos.

Nesta leitura da imagem da arqueologia, comumente me deparei com filmes que apresentam a profanação e a aniquilação de sítios arqueológicos dos mais diversos coletivos humanos, os quais os “arqueólogos” da ficção adentram e saqueiam; após sua saída — ou melhor, sua fuga — é impossível entrar novamente, pois tudo desaba e dos vestígios sobram apenas escombros. Temos como exemplo dessa discussão a icônica cena do filme *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (1981), de Steven Spielberg, na qual o Dr. Jones retira um artefato de um sítio arqueológico localizado na América do Sul, desencadeando uma série de armadilhas e impossibilitando estudos que pudessem ser feitos posteriormente a sua “visita”.

Figura 1. Cena do filme *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (1981).



Fonte: Divulgação Lucasfilm.

Eduardo Vessoni (2022), no *UOL*, dedicada a viagens, trouxe novamente à tona o Indiana Jones. Sua matéria, sob o título “Conheça Akakor, a cidade perdida na Amazônia de onde ninguém volta”, trazia ainda a imagem de perfil do Dr. Martin “Moose” Pepper,³ geólogo e explorador, ao lado de um rio no Brasil, com vestimentas que lembravam a icônica personagem de Ford. Segundo Vessoni (2022), uma das lendas mais intrigantes da Amazônia tem origem no relato do alemão Hans Günther Hauck, mais conhecido como Tatunca Nara, que tentou convencer o mundo, apesar do sotaque carregado alemão, que era um príncipe indígena brasileiro, capaz de conduzir expedições para a lendária cidade subterrânea de Akakor, na Amazônia, repleta de pirâmides

³ Por questões de direitos de imagem, não é possível incluir neste trabalho a imagem divulgada na matéria. Caso seja de interesse, acessar o seguinte endereço eletrônico, disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/01/24/conheca-akakor-a-cidade-perdida-na-amazonia-de-onde-ninguem-volta.htm>. Acesso em: 30 jan. 2022.

e túneis, da qual, se não bem explorada, ninguém volta. Nas palavras do colunista: “Acho que o único lugar em que essa história é verdade é na cabeça dele” (Vessoni, 2022). A história de Akakor é inspirada na lenda do Eldorado, cidade que permeou a imaginação dos colonizadores espanhóis no Brasil. Segundo a lenda, nesta cidade existia um líder indígena que vivia mergulhado em pó de ouro. É nesses relatos fantásticos que se baseia uma cena em *Indiana Jones e o reino da caveira de cristal* (2008), de Steven Spielberg: a pirâmide da qual um artefato de ouro é levado é a pirâmide de Akakor. Histórias como essa celebram a arqueologia ficcional e conferem fetichismo à imagem do profissional arqueólogo.

Figura 2. Cena do filme *Indiana Jones e o reino da caveira de cristal* (2008).



Fonte: Divulgação Lucasfilm.

Para Bezerra (2012), a arqueologia pública é o caminho para reconhecer as diversas percepções sobre o passado, devido a questões diretamente voltadas à “identidade de grupos étnicos”, além das relações dos mais diversos coletivos humanos com o patrimônio arqueológico. No entanto, para a autora, devemos levar em consideração o impacto do discurso acadêmico na visão de mundo dos grupos e no constructo de suas narrativas sobre o passado, trazendo uma participação colaborativa desses coletivos na gestão dos vestígios arqueológicos.

É preciso compreender que aos arqueólogos — diferentemente de Indiana Jones, cuja hegemonia é endossada por ser “um euro-branco americano invadindo lugares, atirando e socando os anônimos locais, antes de fugir com um tesouro inestimável, que ele planeja proteger” (Pyburn, 2008, p. 204, tradução nossa) — cabe escavar, investigar, catalogar, compartilhar e conduzir à salvaguarda, em instituições como universidades e museus, os artefatos encontrados, embora nem sempre isso aconteça.

O colonialismo apresentado nos filmes da personagem Indiana Jones busca naturalizar a inferioridade de nações cujos traços culturais são diferentes do padrão ocidental. Invadir o território alheio, furtar artefatos e destruir o patrimônio arqueológico é característica comum nesses filmes — um fazer arqueológico predador e repreensível perante a ética profissional. Esse pensamento persistente do colonialismo despreza a compreensão de igualdade perante os indígenas, para uma denotação escravista e de inferioridade dos habitantes locais.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA ARQUEOLOGIA FICCIONAL

“Indy” — diminutivo de Indiana, termo utilizado pejorativamente por Pyburn (2008, p. 4) — está tão impregnado à arqueologia que, em um artigo ao *New Scientist*, Cornelius Holtorf (2008, tradução nossa), arqueólogo, antropólogo e professor, afirmou:

Em última análise, a arqueologia tem muito mais a ganhar de ser associada a personagens como Indiana Jones do que tem a perder. O entusiasmo do público pelos filmes atrai muitos jovens estudantes brilhantes ao campo, bem como cria boa vontade e, ocasionalmente, fornece oportunidades de arrecadação de fundos

No entanto, o que Holtorf não vislumbra a longo prazo é que associar a imagem do Dr. Jones à arqueologia ratifica lugares de poder e menospreza as mulheres, além de subalternizar pessoas negras e povos tradicionais.

A visão de Holtorf é de certa forma compartilhada pelo diretor e cineasta Steven Spielberg, idealizador da personagem. No making-of, o diretor afirma que seu filme *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (1981) inovou pelo fato de a mocinha não ser retratada pelo estereótipo de donzela indefesa, que apenas corre dos bandidos. Spielberg se refere a cena na qual a personagem da atriz Karen Allen (Marion Ravenwood) em fuga, luta com um homem, atacando-o com uma frigideira.

Figura 3. Cena do filme *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (1981), com Karen Allen (Marion Ravenwood) em fuga.



Fonte: Divulgação Lucasfilm.

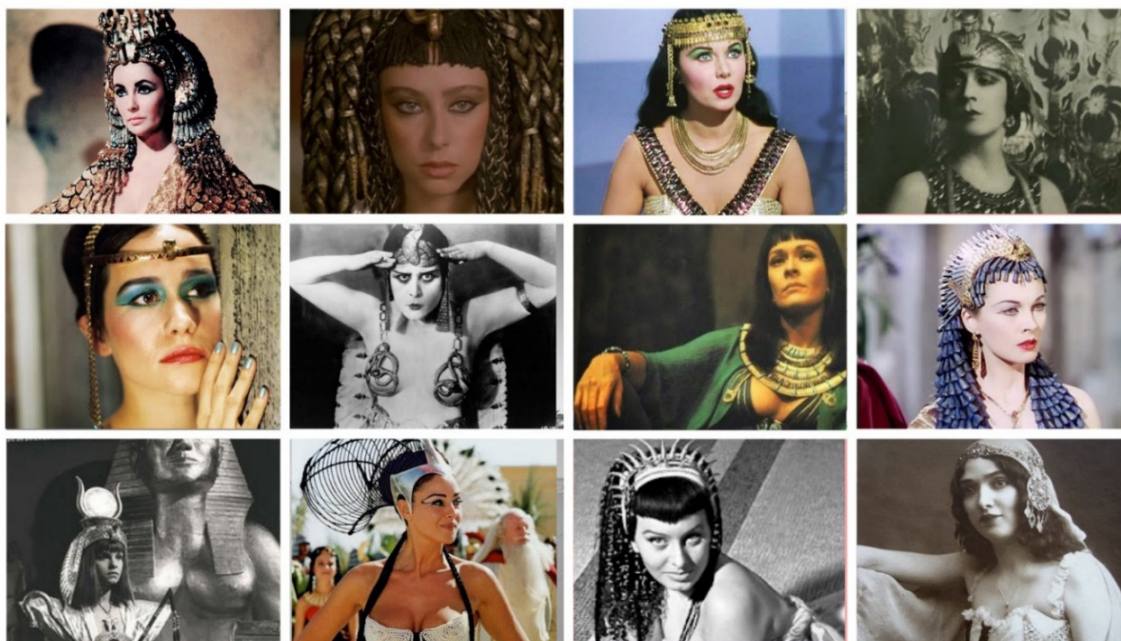
É chocante o machismo explícito presente nessa cena, que Spielberg ainda exalta. Obviamente, é uma clara alusão ao papel que as mulheres devem desempenhar na sociedade, o de cuidar das panelas no recato do lar. Essa personagem ainda é vendida como brinquedo para crianças ou/colecionadores em conjunto com sua “arma de defesa”, incutindo desde cedo a proximidade e familiaridade da figura feminina com os acessórios domésticos.

O protagonismo feminino é retirado principalmente quando o assunto é raça. O embranquecimento da arqueologia é uma das discussões que autores como Hartemann *et al.* (2019), Souza (2020) e Shohat (2004) fazem a respeito do racismo na ciência arqueológica e das interpretações dos artefatos arqueológicos. Para exemplificar, temos o artigo de Shohat (2004): em “Des-orientar Cleópatra”, a autora traz à tona a representação dessa personagem histórica, que gera fantasias e especulações em torno de sua aparência.

Por não ter restado vestígios, não é possível reconstruir a imagem de Cleópatra. No entanto, o que não faltam são adjetivos para criar relatos sobre sua deslumbrante aparência: através de gerações são divulgadas imagens, em pinturas e estatuetas, de um feminino idealizado, com pele branca, cabelos lisos, olhos amendoados, lábios carnudos, contornos corporais bem definidos e femininos. Mas como essa imagem pode ser massivamente divulgada se não há vestígios? Devemos nos atentar ao fato de que seus restos mortais jamais foram encontrados — as narrativas que contam sua história dizem que ela se tornou a última faraó do antigo império egípcio. Porém, reafirmando, não há vestígios. Então, por que Cleópatra é sempre interpretada no cinema por uma mulher branca? Um dos filmes selecionados para este artigo foi produzido em 1963 e tem a atriz Elizabeth Taylor, anglo-americana, como protagonista.

Desde então, os filmes sobre a última governante do Egito — ao norte da África — têm como representação mulheres brancas, mesmo sabendo-se que Cleópatra nasceu em Alexandria, no Egito. Não é preciso ser sábio para perceber que os diferentes grupos humanos nativos da África são negros; portanto, objetivamente falando, Cleópatra era negra. Porém, um olhar racista sobre o passado faz com que suas narrativas sejam distorcidas, criando discursos que, a depender de cada época, criam suas próprias fantasias sobre Cleópatra. Na Figura 4 há um mosaico com imagens de Cleópatra ao longo de décadas na filmografia mundial.

Figura 4. Mosaico com imagens de atrizes que interpretaram Cleópatra.



Fonte: Coletivo de Mulheres no Cinema.

Recordo aqui o dito popular “uma imagem vale mais que mil palavras”. Diante da imagem, não há o não-dito; será? Muito do que é dito nas entrelinhas de textos e imagens não chega a ser compreendido pela maior parte do público, que acaba por naturalizar e replicar ideias, hábitos, costumes e discursos presentes nessas representações. Seria ingênuo pensar que por trás desse discurso das representações do passado não haja uma intenção. Questões ligadas ao branqueamento de personagens históricas das mais diversas áreas do conhecimento são um fato, e exemplos não faltam: Cleópatra, Machado de Assis, Alexandre Dumas, Nilo Peçanha, Lima Barreto, e por aí vai. Conforme afirmam Hartermann *et al.* (2019, p. 12, tradução nossa): “Nós desejamos reconhecer que estamos seguindo os passos de nosso intelecto ancião, incluindo arqueólogos negros, como: Theresa Singleton, Cheryl LaRoche, Maria Franklin, Whitney Battle-Baptiste e Anna Agbe-Davies”.

O negrume incomoda e não nos é ensinado ou sequer mencionado nas escolas que essas personalidades são negras. Não há referências, não há parênteses, não há notas de rodapé. Não há nada que nos faça ter orgulho. Os historiadores baseados na materialidade arqueológica apenas nos mostram o tilintar de grilhões e correntes que nos aprisionaram fisicamente durante dezenas de anos. Não há uma cópia de um recorte de jornal, ou uma simples imagem desse recorte, cujo conteúdo registre a fuga para o quilombo de um homem, mulher ou criança escravizados — não há resistência, apenas subserviência. Contudo, esse olhar enviesado pôde ser transposto e não conseguiu nos aprisionar intelectualmente, ou, pelo menos, não conseguiu aprisionar alguns de nós.

RACISMO E SUBALTERNIZAÇÃO DE COLETIVOS HUMANOS

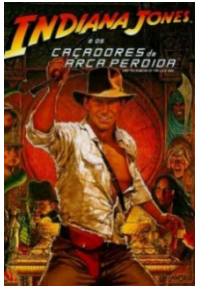
Buscarei forças nas teias de Ananse, deusa aranha da mitologia, em sua forma mais primitiva, para esmiuçar a representação negra no cinema; contudo, o labor é doloroso. A divindade guardiã da memória e da história é a metáfora ideal para se falar do constructo social destinado à negritude na cinematografia arqueológica. Os estereótipos sociais, a meu ver, tem origem no conceito de “cultura” no singular, utilizado no século XVIII, cujo reflexo apresenta o “universalismo e o humanismo dos filósofos: a cultura é própria do Homem (com maiúscula) além de toda distinção de povos e de classes” (Cuche, 2002, p. 21). O conceito de *humanitas* como valor de humanidade é a qualidade que distingue o Homem de outros animais e até mesmo de divindades.

Logo, percebemos que desde a formação do pensamento humano sobre a cultura não houve espaço para a descentralização do homem branco. Para Baxter (2002), pesquisadores de campo nativos nunca têm voz. É comum em documentários ou na filmografia que eles trabalhem “diligente e silenciosamente” por trás do arqueólogo branco que está concedendo a entrevista ou sendo o protagonista. A esses trabalhadores não cabe citações, nomeações ou mesmo qual foi o seu papel na recuperação e análise de artefatos.

Essa ausência de representatividade deve ser discutida, principalmente, por arqueólogos brancos, pois suas falas são as ouvidas. Além de tudo, a luta negra pelo reconhecimento de seus esforços cansa, conforme explicita Ike, Miller e Hartemann (2020, p. 13): “educar pessoas brancas promove um custo emocional desgastante demais”. Já se espera de pessoas negras que promovam em seus discursos discussões sobre questões de raça, mas, em consonância com as palavras de Zélia Amador de Deus, em comunicação pessoal realizada em 2016: “Quem tem que falar de racismo são os brancos, eu vivo o racismo todos os dias na pele”. É exatamente isso, não adianta apenas negros discutirem questões de raça, os brancos é quem devem refletir sobre o assunto.

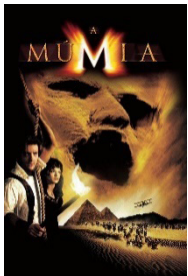
Conforme afirma Leach (1982, p. 18) “A antropologia acabou por não ser o estudo do Homem, mas sim o estudo do homem primitivo”, do “outro”, do “selvagem ignorante”, baseada em relatos preconceituosos que celebram a colonização e promovem o imperialismo, reforçando, justificando e naturalizando assimetrias em espaços de poder. Desde o primeiro filme de temática arqueológica vinculado na plataforma Netflix, *Cleópatra* (1963), de Joseph L. Mankiewicz, até o último *A Escavação* (2021), de Simon Stone, não há dúvida de que todas as características já citadas e atribuídas à ciência arqueológica estão representadas: colonialismo, racismo, etnocentrismo, subjugação de gênero, violência e poder. No Quadro 1, a lista com os filmes analisados.

Quadro 1. Classificação de filmes presentes na plataforma Netflix, disponíveis de setembro de 2020 a agosto de 2021.

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>Cleópatra</i> – Durante a expansão do Império Romano, Cleópatra (Elizabeth Taylor), a rainha do Egito, teme uma invasão. Com o objetivo de formar uma aliança com Júlio César, ela começa a seduzi-lo. Após a morte do imperador no senado romano, ela voltará sua atenção para o general Marco Antônio. Vencedor de quatro Oscars, incluindo o de Melhor Fotografia.	Joseph L. Mankiewicz	Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison	Romance, Guerra, Épico, Histórico	1963	4h 6min.
	<i>Indiana Jones e os caçadores da arca perdida</i> – Indiana Jones é contratado pelo governo para encontrar a lendária arca perdida e acaba tendo que enfrentar o regime nazista.	Steven Spielberg	Harrison Ford, Karen Allen, Paul Freeman	Aventura, Ação, Fantasia	1981	1h 55min.
	<i>Indiana Jones e o templo da perdição</i> – Indiana Jones, seu jovem ajudante e uma cantora mimada vão à Índia em busca de uma pedra mágica e encontram muito mais aventuras do que esperavam.	Steven Spielberg	Harrison Ford, Kate Capshaw, Amrish Puri	Ação, Aventura	1984	1h 59min.

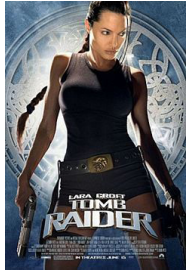
continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>Indiana Jones e a última cruzada</i> – Acompanhado do pai, Indiana Jones embarca em uma terceira aventura para explorar o berço da civilização em uma perigosa busca pelo Santo Graal.	Steven Spielberg	Harrison Ford, Sean Connery, Denholm Elliott	Ação, Aventura, Fantasia	1989	2h 7min.
	<i>A múmia</i> – No Egito, Eve é uma arqueóloga que nunca saiu da biblioteca, mas deseja descobrir uma cidade perdida no deserto. Ela conhece Rick, um soldado desertor que sabe a localização. Ao chegarem à cidade, eles despertam a fúria da múmia Imhotep, que deseja reviver sua amada e trazer o apocalipse à Terra.	Stephen Sommers	Brendan Fraser, Rachel Weisz, John Hannah, Oded Fehr, Arnold Vosloo e Jonathan Hyde	Terror, Ação, Aventura, Suspense	1999	2h 2min.
	<i>O retorno da múmia</i> – Rick, Eve e seu filho Alex encontram em uma escavação o bracelete de Anúbis, capaz de controlar um poderoso exército de mortos vivos. Quando Alex coloca o bracelete em seu corpo, eles se tornam alvo de uma seita que deseja ressuscitar a múmia Imhotep e ter controle deste poder.	Stephen Sommers	Brendan Fraser, Rachel Weisz, Arnold Vosloo, Oded Fehr, John Hannah e Dwayne Johnson	Ação, Terror, Aventura, Fantasia, Suspense, Cinema de época, sobrenatural, filme de monstro.	2001	2h 6min.

continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>Lara Croft: Tomb Raider</i> – Baseado no jogo de mesmo nome, este filme de aventura coloca uma aristocrata inglesa treinada em combates em uma batalha com uma sociedade secreta.	Simon West	Angelina Jolie, Jon Voight e Lain Glen	Ação, Aventura	2001	1h 40min.
	<i>O Escorpião Rei</i> – No Egito antigo, o tirano Memnon massacrou todos os seus oponentes com a ajuda de uma feiticeira. Os poucos que sobraram se unem e contratam o mercenário Mathayus (Dwayne Johnson) para assassiná-la e enfraquecer Memnon. Quando sua missão falha, Mathayus captura a feiticeira para poder derrotar o inimigo.	Chuck Russell	Dwayne Johnson, Kelly Hu, Steven Brand e Michael Clarke Duncan	Ação, Aventura, fantasia, Suspense	2002	1h 27min.
	<i>Lara Croft: Tomb Raider: a origem da vida</i> – A arqueóloga Lara Croft (Angelina Jolie) sai em uma missão para salvar a mítica Caixa de Pandora, que contém todos os males do mundo. Porém, em sua árdua jornada, ela terá que enfrentar um cientista que também está atrás do artefato.	Jan de Bont	Angelina Jolie, Chris Barrie, Gerard Butler	Ação, Aventura, Fantasia, Suspense	2003	1h 57min.

continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>Alien vs. Predador</i> – Uma pirâmide desconhecida é encontrada na Antártida, fazendo com que uma equipe de cientistas e aventureiros seja enviada para investigar o local. Lá, eles descobrem que o local serve de abrigo para duas raças de alienígenas extremamente violentas que estão em guerra.	Paul W. S. Anderson	Sanaa Lathan, Raoul Bova, Lance Henriksen	Terror, Ação, Aventura, Ficção científica, Suspense, Filme de monstro.	2004	1h 41min.
	<i>O tesouro</i> – A busca de um tesouro perdido serve de pano de fundo para esse drama histórico que cobre três épocas: o tempo dos faraós, o Império Otomano e a era moderna.	Sherif Rafa	Ahmed Hatem, Hend Sabry e Mohammed Ramadan	Ação, Drama	2007	2h 37min.
	<i>Indiana Jones e o reino da caveira de cristal</i> – Indiana Jones é sequestrado por agentes soviéticos para encontrar as caveiras de cristal de Akakor, artefatos amazônicos com poderes sobrenaturais.	Steven Spielberg	Harrison Ford, Cate Blanchett, Karen Allen	Ação, Aventura, Fantasia, Suspense	2008	2h 3min.

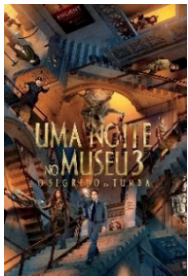
continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>O Escorpião Rei: a saga de um guerreiro</i> – Após a morte do pai, Mathayus tem sede de vingança. Para se tornar um grande lutador, ele pratica durante anos, desenvolve suas habilidades e se torna o Escorpião Rei. Agora ele está pronto para enfrentar o assassino de seu progenitor.	Russell Mulcahy	Michael Copon, Karen David e Simon Quarterman	Ação, Aventura, Fantasia, Suspense, épico, capa e espada	2008	1h 47min.
	<i>A múmia: tumba do Imperador Dragão</i> – O arqueólogo Rick vai para a China e acaba enfrentando um imperador da dinastia milenar Han, que deixou sua tumba.	Rob Cohen	Brendan Fraser, Jet Li, Maria Bello	Ação e aventura, filme de monstros	2008	1h 51min.
	<i>Vênus Negra</i> – Paris, 1817. Diante do corpo de Saartjie Baartman (Yahima Torres) o anatomista Georges Cuvier (François Marthouret) diz que jamais tinha visto uma cabeça humana tão parecida com a dos macacos. Uma plateia composta por cientistas aplaude a constatação. Sete anos antes, Saartjie deixava a África do Sul como escrava de Hendrick Caezar (Andre Jacobs), sendo obrigada a se exhibir em feiras de aberrações de Londres.	Abdellatif Kechiche	Yahima Torres, Andre Jacobs, Olivier Gourmet	Drama histórico	2011	2h 44min.

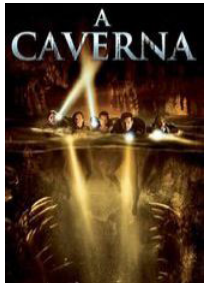
continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>O Escorpião Rei 3: batalha pela redenção</i> – Mathayus (Victor Webster) perdeu sua amada e foi expulso do reino. Agora, ele é um assassino de aluguel e, para recuperar o poder e a glória, precisa defender o império de um tirano impiedoso e seus cruéis guerreiros.	Roel Reiné	Victor Webster, Billy Zane, Dave Bautista e Ron Perlman	Ação, Aventura, Fantasia, Suspense	2012	1h 45min.
	<i>Uma noite no museu 3</i> – O segurança Larry Daley (Ben Stiller) segue normalmente com seu trabalho no Museu de História Natural até descobrir que a peça que dá vida aos objetos está se deteriorando. Para salvar seus amigos (Robin Williams e Owen Wilson), ele vai ao Museu de Londres pedir ajuda ao faraó que está em exposição no local.	Shawn Levy	Ben Stiller, Robin Williams, Owen Wilson, Steve Coogan, Rebel Wilson, Dan Stevens, Rami Malek e Ricky Gervais	Infantil, Aventura, Comédia, Fantasia	2014	1h 35min.
	<i>Assim na terra como no inferno</i> – Uma bela caçadora de relíquias e sua equipe vão parar em um submundo infernal durante uma busca por tesouros nas catacumbas de Paris.	John Erick Dowdle	Perdita Weeks, Ben Feldman, Edwin Hodge	Terror	2014	1h 33min.

continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>O Escorpião Rei 4: na busca pelo poder</i> – O rei da Norvania é assassinado pelo próprio filho, mas quem leva a culpa é o lendário Escorpião Rei Mathayus. Ao escapar de ser preso, ele conhece a destemida Valina. Juntos, partem em busca de um poder místico e enfrentam o perverso assassino herdeiro do trono.	Mike Elliott	Victor Webster, Ellen Hollman, Will Kemp e Rutger Hauer	Ação, Aventura, Fantasia	2015	1h 44min.
	<i>Z: a cidade perdida</i> – Percy Fawcett (Charlie Hunnam) é um explorador britânico do século 20 que passou a vida obcecado por uma mítica “cidade perdida” nas entranhas da Floresta Amazônica. Certo de que o lugar, o qual nomeou de Z, revela segredos sobre a origem da civilização, Percy se reúne ao filho Jack (Tom Holland) e um de seus colegas (Robert Pattinson) para encontrá-lo. Baseado em uma história real.	James Gray	Charlie Hunnam, Robert Pattinson, Sienna Miller, Tom Holland, Angus Macfadyen, Ian McDiarmid	Aventura, Ação, Drama, Ficção Histórica	2016	2h 14min.
	<i>A caverna</i> – Um grupo de estudantes sai em busca de um professor de arqueologia desaparecido e acaba descobrindo uma caverna onde o tempo passa de um jeito bem diferente.	Mark Dennis e Ben Foster	Andrew Wilson, Cassidy Gifford e Brianne Howey	Terror, Ação, Aventura, Suspense	2017	1h 27min.

continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>A múmia</i> – Na Mesopotâmia, séculos atrás, Ahmanet tem seus planos interrompidos quando estava prestes a invocar Set, o deus da morte, para que juntos pudessem governar o mundo. Mumificada, ela é aprisionada dentro de uma tumba. Atualmente, o local é descoberto por acidente. A tumba recém-descoberta acidentalmente, desperta Ahmanet.	Alex Kurtzman	Tom Cruise, Russell Crowe, Sofia Boutella, Annabelle Wallis, Jake Johnson, Courtney B. Vance e Marwan Kenzari.	Terror, Ação, Aventura, Suspense	2017	2h 06min.
	<i>Tomb Raider: a origem</i> – Lara Croft (Alicia Vikander) não aceita o desaparecimento do pai, um arqueólogo que sumiu misteriosamente durante uma expedição. Após decifrar uma mensagem, Lara resolve viajar para uma ilha no Japão, último lugar em que o pai foi visto vivo, e mergulha numa aventura perigosa.	Roar Uthaug	Alicia Vikander, Dominic West, Walton Goggins, Daniel Wu, Kristin Scott Thomas	Ação	2018	1h 55min.
	<i>Dora e a cidade perdida</i> – Dora (Isabela Merced) é uma jovem menina habituada ao estilo de vida da selva peruana. De repente, seus pais Elena (Eva Longoria) e Cole (Michael Peña) a enviam para uma escola comum enquanto partem para uma expedição em busca da cidade perdida de Parapata. Quando eles desaparecem, a menina aventureira embarca numa viagem ao lado do seu macaco Botas e um grupo de novos amigos para encontrá-los.	James Bobin	Isabela Merced, Michael Peña, Eugenio Derbez, Benicio del Toro	Infantil, Aventura, Comédia, Ação	2019	1h 41min.

continua...

Quadro 1. Continuação

Filme	Sinopse	Direção	Elenco	Gênero	Ano de produção	Tempo de duração
	<i>Em busca de 'Ohana</i> – De férias no Havaí, um casal de irmãos do Brooklyn se conecta com a família e as origens enquanto buscam um tesouro perdido.	Jude Weng	Kea Peahu, Alex Aiono, Lindsay Watson	Comédia, filmes para toda a família	2021	2h 3min.
	<i>A escavação</i> – Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, uma viúva inglesa faz uma descoberta histórica ao contratar um arqueólogo amador para escavar misteriosas formações em suas terras.	Simon Stone	Carey Mulligan, Ralph Fiennes e Lily James	Obras de época, filmes baseados em fatos	2021	1h 52min.

Fonte: Elaboração nossa.

Obs: Classificação por ano de produção, indicado do mais antigo para o mais recente, por escolha da autora.

A subjugação das populações detentoras do patrimônio é claramente explícita nesses filmes, como os escavadores egípcios no filme *A múmia* (1999), de Stephen Sommers. Na Figura 5, temos a cena dos trabalhadores em campo; quando a descoberta arqueológica é feita, estes são acionados a abrir o artefato, pois segundo o egiptólogo Dr. Terrence Bey (Erick Avari), o faraó Set I não era tolo — sendo assim deveria haver alguma armadilha preparada para intrusos de sua tumba, e ele estava certo. Dessa forma, os “nativos” caem na armadilha de sal pressurizado e morrem. Após essa cena, não há mais nenhuma menção dessas personagens.

Figura 5. Escavadores egípcios no filme *A múmia* (1999).



Fonte: imagens capturadas por captura de tela pela autora.

Numa primeira aproximação com o conceito de cinema, vi uma definição curiosa sobre este, que diz:

O cinema é um *artefato* criado por determinadas *culturas* que nele se refletem e que, por sua vez, as afetam. É uma arte poderosa, é fonte de entretenimento popular e, destinando-se a educar ou *doutrinar*, pode tornar-se um método eficaz de *influenciar* os cidadãos. É a imagem animada que confere aos filmes o seu poder de comunicação universal. Dada a grande diversidade de línguas existentes, é pela dublagem (dobragem) ou pelas legendas, que traduzem o diálogo em outras línguas, que os filmes se tornaram mundialmente populares (Timeline..., 2009, p. 4-15, grifos nossos).

Dessa forma, o cinema, neste conceito, reflete nossa inquietação em verbos como influenciar e doutrinar. Esses termos não são simples palavras, e de longe passam a ideia de apenas entreter os cidadãos conforme o próprio verbete afirma. Utilizar uma ciência como a arqueologia nas telas do cinema afeta milhares de pessoas todos os dias. É relevante fazer esse registro para mostrar como o trabalho arqueológico pode ser colonizador tanto nos filmes quanto no cotidiano.

O pensamento da antropologia social e da arqueologia atuais deve diferir desse retrato mistificado dos séculos XVI-XIX de inferioridade cultural do “outro”. Arqueólogos e antropólogos deveriam atuar em parceria com as diversidades culturais, buscando desconstruir juntos essa imagem de paisagem intocada, de binarismo e de desorganização social e política relegada às sociedades orientais, latino-americanas, da América Central, e, em particular, amazônicas, assumindo assim seu compromisso ético e político com as variabilidades humanas. Escrever hoje sobre questões ligadas ao binarismo social, à diversidade de gênero e ao racismo é, antes de tudo, um ato político.

Como bem discutem Franklin *et al.* (2020, p. 116) “o futuro de uma arqueologia antirracista é agora!”. Antirracista, anti-xenófoba, anti-homofóbica, anti-sexista e anti-misógina. Com a ampliação dos cursos de graduação em arqueologia, demandas diferenciadas vêm crescendo na área. Não temos apenas *uma* arqueologia, e sim, várias: feministas, negras, quilombolas, LGBTQIAP+, indígenas etc., que vêm ganhando espaço nas discussões acerca das interpretações arqueológicas. Meu engajamento, enquanto arqueóloga e mulher preta, se torna mais do que necessário na luta por igualdade e reconhecimento científico na área. Sei que o colonialismo ainda é latente em minha profissão, porém espero que, com cada nova publicação, possa levar alguma reflexão sobre os agentes que constituem essa ciência, suas práticas cotidianas e suas interpretações sobre o passado. Levar arqueólogos brancos a sair da neutralidade e da naturalização de lugares de poder da arqueologia atual requer uma epistemologia mais profícua da arqueologia, parafraseando Franklin (2020): o silêncio branco é o consentimento que o racismo precisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirma Abu-Lughod (2018), acredito que textos, ensaios, artigos, dissertações e teses sobre os temas abordados em filmes cuja temática é a arqueologia devam fomentar reflexões “sem esperanças exacerbadas”, como a própria autora diz, mas fazer com que as ideias para uma Ciência mais plural possam ser analisadas de modo que os discursos presentes nas entrelinhas venham à tona.

O diálogo com diversos autores e com as ciências dos quatro campos, neste trabalho a arqueologia e a antropologia, me ajudou a compreender como esses repositórios de informação passam a constituir-se na experiência do real/arqueológica: um arcabouço de discussão para os estudos de etnocentrismo, identidade, cultura, patrimônio, gênero, raça, trabalho, entre outros.

A arqueologia conhecida do grande público é a presente em narrativas e imagens produzidas e veiculadas pelo cinema, entre outras mídias. O potencial de alcance midiático é incomparável se relativizarmos com a comunicação que é feita em simpósios, congressos e encontros realizados pelos profissionais da arqueologia dentro dos muros das universidades, cujos resultados das pesquisas são apresentados a um público mais restrito. Por esse motivo, os fazeres arqueológicos difundidos por não arqueólogos geram uma série de desinformações a respeito dessa ciência e seu papel social no patrimônio arqueológico. Por isso, propus, assim como Zanettini (1991), o *imago*, ou seja, a morte da imagem presente nos filmes hollywoodianos sobre a arqueologia. Dessa forma, poderemos abrir as discussões sobre o fazer arqueológico de maneira mais objetiva, construindo com as variabilidades humanas um escopo na busca de igualdade, pertencimento e reconhecimento.

Não estou aqui para dizer o que as pessoas devem ou não assistir, no que elas devem ou não acreditar. Compreendo que todo imaginário que gira em torno da arqueologia acaba por divulgar essa ciência, mas o que chamo atenção aqui é para a forma como ela é representada. Proponho então o enfoque a partir de um outro ponto de vista da ciência arqueológica, no qual sua representatividade seja mais plural, séria e comprometida com a sociedade, objetivando com isso uma nova imagem em sua representação.

As imagens que transmitem a difusão da arqueologia são parte integrante do processo de construção do conhecimento dessa ciência e devem urgentemente fazer parte de pesquisas que contribuam para a reflexão e discussão dos lugares sociais contemporaneamente destinados aos gêneros e às raças. Obviamente, o cinema também nos conduz à reflexão, mas devemos partir de discursos

mais plurais que devem ser construídos para um legado mais humano, ou o que prevalecerá será a imagem estereotipada, que para se manter basta que não façamos nada. Democratizar o conhecimento, tendo em vista a ampliação de “repertórios” para a construção e reconstrução da sociedade é primordial para a vivência de suas multiplicidades.

A desconstrução da imagem apreendida pelo cinema deve partir dos profissionais da arqueologia, como defende Carlan (2016, p. 57):

Steven Spielberg e George Lucas conseguiram levar nosso imaginário para esse mundo fantástico de romance e aventura. Porém, cabe a nós professores e pesquisadores, aproveitarmos dessa passagem, levar a disciplina científica e sua realidade, às diversas áreas e locais do conhecimento, popularizando ainda mais, não apenas nosso trabalho, mas a própria Arqueologia.

Caso contrário, o que permanecerá na transmissão do conhecimento sobre a arqueologia é a imagem representada nas telas do cinema e difundida amplamente pelos streamings como a Netflix: uma arqueologia voltada à aventura, ao colonialismo, ao racismo, à fantasia, ao binarismo, ao androcentrismo, ao vandalismo, à alienação e à depredação. Esses adjetivos são distantes de uma disciplina séria e responsável, realmente comprometida com as variabilidades humanas e cujo constructo social deve beneficiar as pluralidades, podendo dar um passo largo em direção a uma sociedade mais consciente e tolerante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila; REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do; DURAZZO, Leandro. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.
- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. *Por uma arqueologia cética: ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas*. Curitiba: Appris, 2019.
- BAXTER, Jane Eva. Popular Images and Popular Stereotypes: Images of Archaeologists in Popular and Documentary Film. *The SAA Archaeological Record*, v. 2, n. 4, p. 16-17, 2002.
- BEZERRA, Marcia. Archaeology as Allegory: The Representations of Archaeology in Children's Literature in Brazil. In: SIMANDIRAKI-GRIMSHAW, Anna; STEFANO, Eleni (ed.). *From Archaeology to Archaeologies: The 'Other' Past*. Oxford (GB): British Archaeological Reports, 2012. p. 67-76.
- CARLAN, Claudio Umpierre. Arqueologia: as histórias presentes em nossas vidas: trabalhos práticos em Paraguaçu, Minas Gerais. *Revista Arqueologia Pública*, v. 10, n. 2[16], p. 52-59, 2016.
- CAROMANO, Carolina Fernandes *et al.* Nem todas são Betty ou Anna: o lugar das arqueólogas no discurso da Arqueologia Amazônica. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 115-129, 2017.
- CARVALHO, Aline; SILVA, Bruno Sanches Ranzani da. Arqueologia e socialização do conhecimento: Indiana Jones, mostre-nos o que sabes. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 2, p. 45-48, 2013.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2002.
- FRANKLIN, Maria *et al.* The Future is Now: Archaeology and the Eradication of Anti-Blackness. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 24, p. 753-766, 2020.
- GELL, Alfred. *Arte e agência*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2018.
- HARTEMANN, Gabby. Nem ela, nem ele: por uma arqueologia (trans*) além do binário. *Revista Arqueologia Pública*, v. 13, n. 1[22], p. 99-115, 2019.

- HOLTORF, Cornelius. Welcome Back, Indy. *New Scientist*, 17 May 2008. Comment and Analysis. Disponível em: https://www.academia.edu/16978385/Comment_Indy_is_back?auto=download. Acesso em: 31 jan. 2024.
- IKE, Nkem; MILLER, Gabrielle; HARTEMANN, Gabby Omoni. Anti-Racist Archaeology: Your Time is Now. *The SAA Archaeological Record*, Washington, DC (US), p. 12-16, Sept. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44257082/Anti_Racist_Archaeology_Your_Time_Is_Now?auto=download. Acesso em: 14 fev. 2024.
- LEACH, Edmund. *A diversidade da antropologia*. Tradução Marília Costa Fontes. São Paulo: Edições 70, 1982.
- MOSER, Stephanie. Archaeological Representation: The Consumption and Creation of the Past. In: CUNLIFFE, Barry *et al.* (ed.). *The Oxford Handbook of Archaeology*. Oxford (GB): Oxford University Press, 2009. p. 1048-1077.
- PRUDENTE, Celso Luiz; SILVA, Paulo Vinícius Baptista (org.). *16ª Mostra Internacional do Cinema Negro: educação, cultura e semiótica*. São Paulo: Jandaíra, 2020. *E-book*.
- PYBURN, Karen Anne. Public Archaeology, Indiana Jones, and Honesty. *Archaeologies*, v. 4, p. 201-204, 2008.
- RIBEIRO, Loredana *et al.* A saia justa da arqueologia brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1093-1110, 2017.
- SHEPHERD, Nick; GNECCO, Cristóbal. “Cuando la mano que sostiene el palustre es negra...”: prácticas disciplinarias de autorepresentación y el asunto de la mano de obra “nativa” en arqueología. *Arqueología Suramericana/Arqueologia Sul-Americana*, v. 5, n. 1, p. 3-20, 2009.
- SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. *Cadernos Pagu*, v. 23, p. 11-54, 2004.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. Deixa meu cabelo em paz e outros contos sobre arqueologia do racismo à brasileira. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2, p. 43-65, 2020.
- TIMELINE of Greatest Film Milestones and Turning Points in Film History. *Filmsite*, 2009. Disponível em: <https://www.filmsite.org/1914-filmhistory.html>. Acesso em: maio 2021.
- TV BRASIL. *Irmãos Lumière apresentavam o cinematógrafo há 125 anos*. Brasília, DF: TV Brasil, 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo TV Brasil. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2020/12/irmaos-lumiere-apresentavam-o-cinematografo-ha-125-anos>. Acesso em: 1 maio 2021.
- VESSONI, Eduardo. Conheça Akakor, a cidade perdida na Amazônia de onde ninguém volta. *Nossa UOL*, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/01/24/conheca-akakor-a-cidade-perdida-na-amazonia-de-onde-ninguem-volta.htm>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- WEIL, Pierre. A normose informacional. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, p. 61-70, 2000.
- XAVIER, Ismael. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo. “Indiana Jones deve morrer”. *Jornal da Tarde*, p. 4-5, 18 maio 1991.